

Vamos falar de Lucas, o autor que nos oferece o seu Evangelho durante este ano.

Podemos quase afirmar que Lucas escreveu dois “evangelhos”.

1 – Os atos de Jesus;

2 – Os atos dos Apóstolos.

É Lucas que nos conta e fala da Igreja nascente.

Jesus mostra-nos o Caminho, os Atos mostram-nos como continuar o Caminho, como cumprir o Caminho aberto por Jesus.

Segundo a tradição, Lucas nasceu em Antioquia da Síria, de uma família pagã. Era médico e cidadão do Império Romano.

Depois de se converter ao cristianismo e de ser batizado, foi companheiro de Paulo e, também ele, cidadão romano.

A característica mais original do seu Evangelho é ser o grande anunciador da Misericórdia do Pai. Está atento aos pobres, às vítimas de injustiças e aos pecadores arrependidos que são acolhidos pelo perdão de Deus.

Depois de ter sido eleito Papa, Jorge Mário Bergoglio, o Papa Francisco, proclamou o ano de 2016, Ano da Misericórdia, ano em que lemos nas nossas celebrações o Evangelho de Lucas, tendo aberto a Porta Santa da Basílica de São Pedro no dia 8 de dezembro de 2015.

Foi um ano especial, dedicado à reflexão sobre a misericórdia de Deus e a promoção da reconciliação e do perdão.

Este ano estendeu-se até ao dia 20 de novembro de 2016.

O grande objetivo foi o de celebrar o 50º aniversário do Concílio Vaticano II e também um apelo muito forte à misericórdia e ao perdão.

Já aqui falamos, pela voz do Gustavo, nas parábolas da Misericórdia, todas elas escritas por Lucas. Importa referir que Lucas não fala em misericórdia, mas todas elas expressam atitudes fortemente marcadas pela misericórdia em relação ao que está perdido.

Sendo o capítulo 15 o centro e o coração do evangelho de Lucas, ensina-se e demonstra-se a pedagogia pastoral de Deus, que se deixa tocar por Jesus.

Temos três histórias que nos mostram o mesmo tema: participar da alegria de Deus que, por meio de Jesus, acolhe e salva os pecadores.

Então, podemos afirmar que o Evangelho de Lucas é o “evangelho da alegria” que está presente logo, logo desde o início.

Vamos, pausadamente, ler este capítulo

Lc 15, 1-2

Jesus está entre dois grupos:

a) publicanos e pecadores;

b) fariseus e escribas.

Quem são os publicanos?

São um grupo social que representa os seres humanos separados de Deus, apegados aos bens materiais.

E os pecadores?

Estes representam os homens e mulheres que não cumprem os mandamentos de Deus.

O que se pretende?

Pretende-se que mudem de vida, visto que, enquanto uns oprimem os seus semelhantes, os outros vivem separados de Deus.

Tanto os publicanos como os pecadores aproximam-se de Jesus “para ouvir”, revelando uma atitude de discípulos. Jesus, aquele que tem entranhas de misericórdia, vai ao encontro deles e acolhe-os. Eles, então, ganham coragem e agora são eles que vão até Jesus.

E o que se passa com o segundo grupo?

Podemos afirmar que são fundamentalistas, defensores radicais da tradição religiosa, interpretam e confiam o seu sentido em proveito próprio. Para estes não há evolução, pois são “cumpridores da Lei” de forma rigorosa e ao seu próprio jeito. Vão murmurando e olham Jesus de soslaio, isto é, de lado e de forma ostensiva. Lembremo-nos da parábola do Filho Perdido, também chamada de Filho Pródigo. Aqueles que pertencem a este grupo “são o espelho do filho mais velho que não quis entrar e participar da festa”.

Recorramos às parábolas:

a) A parábola da ovelha perdida e reencontrada (Lc 15, 4-9)

Aqui podemos ver a preocupação, o cuidado, a procura e a alegria do reencontro.

Basta perder uma para lhe sentir a falta. Havia 100 e aquela que se perdeu faz falta!

O pastor guarda as 99 no redil e parte à procura e, quando a encontra, coloca-a aos ombros cheios de alegria e regressa para as outras.

Que bonito!

Repreende-a?

Castiga-a?

Qual quê?, acolhe-a e leva-a para o lugar seguro, que é o redil e depois... celebra e partilha a alegria com os amigos, porque a alegria precisa de ser partilhada e ninguém é feliz sozinho...

Podemos ver na alegria do pastor a alegria do próprio Deus sempre que nós nos arrependemos.

Nós, seguidores de Jesus, temos que ir em busca daqueles que se perderam e voltam a casa.

b) A parábola da mulher que encontra a moeda perdida (Lc 15, 8-10)

Tal como na parábola anterior, estamos diante de um tema de perda e de procura.

Estamos frente a frente com uma mulher que age e procura até encontrar a dracma perdida.

Na parábola anterior, o pastor reúne os amigos.

Nesta, reúne as amigas e as vizinhas.

Ambos partilham a alegria. E, temos a expressão que nos diz: “No céu haverá ainda mais alegria por causa de um pecador que se converta”.

c) A parábola do filho reencontrado (Lc 15, 11-32)

Tudo aconteceu na casa paterna.

Jesus mostra-nos um pai e dois filhos.

Um pai que vê um dos filhos a afastar-se para uma vida devassa e de devassidão.

Quando já não tem nada, vai guardar os porcos, animal maldito que significa, para o povo judeu, a perda da própria identidade e de apostasia (abandono ou deserção da fé, da adoração ou da prática religiosa. É um afastamento voluntário e deliberado dos princípios e da devoção a Deus. Deriva da palavra grega que significa deserção, abandono ou rebeldia), isto é, do pecado.

Só os pagãos ofereciam porcos como sacrifício, sendo considerado o cúmulo da degradação, visto que o porco era considerado um animal impuro.

Este filho tornou-se nada, menos até que os porcos, e tem fome!

Quando já não é nada, regressa a casa.

E o pai?

O pai esperava-o!

E mal o vislumbrou lá longe corre para ele e abraça-o e cobre-o de beijos. (vemos a urgência da cena e de tudo o que está a acontecer?)

Pai é pai!

E houve festa!

E fez-se festa!

A alegria volta a entrar em casa que se anima e festeja.

E o outro?

O outro, o cumpridor, o zeloso, toma ares de fariseu e condena e critica e afasta-se a murmurar.

Esta parábola mostra-nos um Pai que acolhe, festeja e tem sempre a porta aberta e pronta para acolher quem volta a casa, quem quer voltar a casa.

Mostra-nos um Pai/Deus cheio de Misericórdia que transmite a alegria do acolhimento e do perdão.

Em Lucas encontramos Jesus a defender os “mais pequenos”, a acolher “os pobres”, a olhar as mulheres com dignidade e compaixão, a perdoar e a curar.

Neste Evangelho, as mulheres são olhadas com respeito e atenção.

Podemos então afirmar que neste Evangelho, Jesus tem olhos de ternura e misericórdia por aqueles que são considerados os últimos: os excluídos, os doentes, os pobres, os famintos, os pecadores, os pagãos, as crianças, as mulheres.

Jesus é o amigo de todos os que não podem ser amigos para os senhores da sua época, come à mesma mesa que publicanos e pecadores.

Jesus é o protagonista dos grandes perdões:

- mulher pecadora
- Zaqueu
- malfeitor arrependido
- filho pródigo.

Jesus está presente nas grandes curas:

- parálítico a quem perdoa os pecados e é criticado pelos fariseus e pelos doutores da Lei.
- Para Jesus, perdoar e acolher, em Lucas, não é um sinal de fraqueza, mas sinal de fortaleza, de coragem, de misericórdia.

Neste Evangelho, Lucas apresenta aos cristãos um grande discurso de Jesus que traça as linhas da ética proposta do Reino de Deus. É o Sermão da Planície que nos dá as linhas mestras que integram o comportamento dos homens no projeto de salvação divina. Este discurso é norteador pela justiça misericordiosa que caracteriza o próprio Deus.

Este é um belo discurso sobre o amor aos inimigos que devem ser tratados com bondade, pois o nosso Deus é bom e ensina: “Sede misericordiosos como o vosso Pai é misericordioso” (Lc 6, 36)

Lucas está a dizer-nos que a forma mais digna de viver é agindo com misericórdia, numa forma de nos aproximar do plano original de Deus.

Mostra-nos como viver como e entre irmãos:

- não julgar
- não condenar
- perdoar
- dar

Estas atitudes são a condição para entrar no Reino de Deus.

Como seguidores do Caminho, temos que aprender a conviver com todos, com as suas limitações e diferenças, aprender a superar as diferenças, a praticar a tolerância, a respeitar as fragilidades e os pecados dos irmãos.

Temos que aprender que só o perdão e a bondade restauram as feridas na comunidade de irmãos.

É por tudo isto que Jesus nos convida a praticar a misericórdia, tal como o nosso Deus a pratica.

Temos que aprender e saber ter uma nova forma de olhar para a vida, isto é, temos que adquirir uma nova forma de estar e uma nova forma de mentalidade.

Em Lucas, todos os que sofrem, os excluídos da vida religiosa e social, são objeto de um amor imerecido por parte de Jesus como uma expressão do próprio ser do Senhor. O Evangelho de Lucas ajuda-nos a olhar para Jesus e ver o rosto do Pai que é todo misericórdia.

Diz-nos: “Sede misericordiosos como o vosso Pai é misericordioso” (Lc 6, 16)

Lucas mostra-nos o rosto misericordioso deste Deus que é compaixão (Lc 1, 78), cujas entranhas se comovem ao ver as situações de sofrimento, diante da morte e das tragédias humanas.

Então, e a terminar, podemos afirmar com toda a convicção que onde há perdão, há misericórdia e há alegria!

Podemos ainda afirmar que Lucas, médico, companheiro de Paulo, que veio do paganismo, nos veio restituir a esperança da alegria e da salvação no coração misericordioso de um Pai que só é bom e que continua comovido e a sorrir com e para a Sua própria criação e “para a menina dos Seus olhos” que somos nós, a humanidade.